

JORNAL: Correio da Manhã LOCAL: Guamabara

DATA: 029/05/1964 AUTOR: Jayme Maurício

TÍTULO: Pintura de Wega: ação e vitalidade

ASSUNTO: _____

Pintura de Wega: ação e vitalidade

Um vivificante e forte sopro parece impulsionar a pintura das mulheres paulistas destes últimos tempos. É o que se constata entre as várias mostras do Rio e São Paulo, especialmente com duas das exposições de maior interesse no momento, na Guanabara: a de Yolanda Mohaly, na Montmartre, da qual já nos ocupamos, e a de Wega, a ser inaugurada no próximo dia 3, na Bonino. Vimos rapidamente a "sala especial" desta última pintora na VII Bienal de São Paulo. Uma surpresa, pois até então ignorávamos suas tentativas e realizações na pintura — era desenhista laureada. Na babilônia da mostra do Ibirapuera, como em tantos outros casos, adiamos o enfoque indefinidamente. Agora, entretanto, já não há razão para adiamentos — a pintora está aí com suas pinturas, cobrando opinião através de um pré-vernissage especial, nestas vésperas de viagem do colonista.

Dessa visita resultou uma certeza inicial: Wega vai enfrentar um período árduo, pois o público da Guanabara anda muito acomodado com seus velhos coringas figurativos, cotados no mercado e entre os arautos equivocados de uma imprensa leiga, irresponsavelmente opinativa. Vai ser agredida por toda uma imensa hoste estagnada artisticamente, mas pronta a reagir sempre, que rompidas as formas mumificadas de conhecidos clichês. Anos passados, o carioca era mais acessível ao experimental, às transformações da arte do seu tempo. A ligeireza e levandade de alguns grupos de consciência estética de fôlego curto, imaturos e apressados na sua ambição de êxito e sucesso, aliados às atuais características econômicas, conduziram-nos a esta situação acomodada, interessada e susceptível de desconfiança. Não compreenderam Krajcberg, nem Tanaka, nem a retomada de posição, desta vez bem mais sincera e profunda, desse Ivan Serpa, tão comprometido pelo seu extraordinário virtuosismo. Não compreenderam a majestosa e introspectiva serenidade de Yolanda Mohaly. Por certo, não compreenderão a vigorosa força agressiva de Wega. Não importa, pois sempre existirão alguns mais atentos, menos mortos, menos especulativos, receptivos ou, mesmo, virgens em suas emoções visuais. Para eles, esta antecipada recomendação.

Trata-se de uma pintura de choque, sua força é de choque. Wega grita e, às vezes, agride. Seus quadros, de fremente energia, não são construções ou "harmonias" de côres e linhas, mas verdadeiros empastes vivos, sofridos em grandes superfícies, alguns pungentes, outros possuídos de vitalidade na aventura do gesto, ávidos de novos mundos, novas formas, idéias que modelem uma nova face, a face oculta do seu temperamento, a um tempo vital e pungente, angustiada, admirável na força e estridência com que expande a sua danação. Não importam a forma, a composição arbitrária, e por vezes falha, dessas superfícies violentas. Importa sim, e muito, a vitalidade que emana de todo esse trabalho. De fato, é mais importante o trabalho do que o seu resultado. Trabalhando, assim, furiosamente, por caminho não iluminados, Wega talvez chegue (se já não chegou) a criar, ou recriar, formas que expressem alguma coisa bem mais distante e superior aos seus próprios conceitos plásticos e aspirações literárias. Pois que ela as tem, e muitas. Na cosmogonia alucinante dos seus quadros, encontra, cândidamente, santos, noivas, namorados, fazendas, enfim todo um mundo de homens e coisas, plantas e animais, fenômenos e formas aparentes, sonhos e visões.

Em Wega, habitam uma sonhadora e uma iconoclasta em áspera batalha, cujas feridas e cicatrizes terão conseqüências que ela não pode prever e, talvez, nem mesmo compreender. Exaltada, caminha pelo desconhecido e, talvez, acabe no inédito. Por ora, Wega pinta com violência, com tremenda resistência e feroz alegria de azuis, verdes, brancos, amarelos e vermelhos, delimitando suas fronteiras com um grafismo algo exasperado, mas sólido, de um desenhista desenvolvido e consciente. Seus mundos, opostos em formas muitas vezes totalmente desintegradas, chocam-se, alcançando clamor e ressonâncias profundas. Pinceladas, empastes, espatuladas e gestos giram em torvelinhos cruéis, ou param, permanecendo aparentemente estáticos, mas ainda palpitantes de mobilidade interior. Aí, o elan vital cede, enfraquece e cai. Trégua conseqüente da fadiga, ou da perplexidade desorientada? Médo da própria veemência, ou

Itinerário das Artes Plásticas

JAYME MAURICIO

debilidade para levar avante a aventura proposta? Parar nostálgico de uma linguagem, que se torna mais serena, dócil, talvez pela interferência moderadora de uma opinião terceira? Possivelmente, apenas uma concessão ao lado mais reflexivo da sua personalidade.

Há dias, lemos a tentativa do francês Jean-Claude Lambert em definir o pintor de ação como aquele que pinta para inventar, ao contrário do pintor de reflexão, que inventa para pintar. Em Wega, pensamos haver, embora incipientes os dois impulsos, com predomínio da ação, extrovertida e passional, a caminho de um certo automatismo violento e vital. Tempo chegará — estamos certos — para maior medida, maior rendimento e responsabilidade; sem perda essencial da sua estupenda vitalidade; sem permitir que o intelectualismo asfixie as pulsações da sua pintura, mas concentre sua força, valorize-a, conduzindo-a ao essencial.

Goeldi, I. Hamar e cartazes no Museu

Por ter sido dia santificado ontem, 5.^a-feira, a inauguração da mostra da escultora Irene Hamar, bem como os cartazes poloneses e a sala Goeldi, no Museu de Arte Moderna do Rio, será realizada hoje, 6.^a-feira, às 18 horas.

Irene Hamar expõe no MAM

Inaugura-se hoje (dia 29) às 18 horas, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro uma exposição de trabalhos da escultora brasileira Irene Hamar, de renome internacional.

Natural de Mato Grosso, Irene Hamar reside atualmente em Nova York, onde possui um famoso atelier de escultura. Visita frequentemente o Brasil e desta feita exporá 51 peças trabalhadas em bronze, mármore, fios de cobre e outros metais.



Wega e o desafio de sua fremente vitalidade: um teste